



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o **crédito apropriado**, prover um link para a licença e **indicar se mudanças foram feitas**. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Não Comercial — Você não pode usar o material para **fins comerciais**.

Sem Derivações — Se você **remixar, transformar ou criar a partir** do material, você não pode distribuir o material modificado.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou **medidas de caráter tecnológico** que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format

Under the following terms:

Attribution — You must give **appropriate credit**, provide a link to the license, and **indicate if changes were made**. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

NonCommercial — You may not use the material for **commercial purposes**.

NoDerivatives — If you **remix, transform, or build upon** the material, you may not distribute the modified material.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or **technological measures** that legally restrict others from doing anything the license permits.

II Encontro de Aprendizagem Lúdica



ANAIS - 18 e 19 de novembro de 2016

REALIZAÇÃO



GEPAL
Grupo de Estudos e Pesquisas
Sobre Aprendizagem Lúdica

APOIO





II Encontro de Aprendizagem Lúdica

Anais

18 e 19 de novembro de 2016

ORGANIZAÇÃO

Antônio Villar Marques de Sá

Cleia Alves Nogueira

Bárbara Ghesti de Jesus

Brasília – DF

Faculdade de Educação

2017

Projeto gráfico e diagramação: Walner Pessoa
Ilustração da capa: Keila Cristina Araújo Reis
Revisão: Antônio Villar Marques de Sá e Danuzia Queiroz
Financiamento: Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal

COMISSÃO ORGANIZADORA DO II EAL

Antônio Villar Marques de Sá - Presidente
Alessandra Lisboa da Silva
Américo Junior Nunes da Silva
Ana Brauna Souza Barroso
Bárbara Ghesti de Jesus
Cleia Alves Nogueira
Dayse do Prado Barros
Eurípedes Rodrigues Neves
Josinalva Estacio Menezes
Keila Cristina Araújo Reis
Luiz Nolasco de Rezende Júnior
Marcos Paulo Barbosa
Maria Auristela Barbosa Alves de Miranda
Maria Dalvirene Braga
Mônica Regina Colaço dos Santos
Otilia Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas
Simão de Miranda
Virgínia Perpetuo Guimarães Pin
Wesley Pereira da Silva

COMISSÃO CIENTÍFICA DO II EAL

Antônio Villar Marques de Sá - Coordenador
Alessandra Lisboa da Silva
Américo Junior Nunes da Silva
Josinalva Estacio Menezes
Luiz Nolasco de Rezende Júnior
Marcos Paulo Barbosa
Otilia Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas
Simão de Miranda

ISBN versão impressa: 978-85-5983-001-9
ISBN versão eletrônica: 978-85-5983-002-6

Ficha catalográfica

S456e Encontro de Aprendizagem Lúdica (2. : 2016 : Brasília).
II Encontro de Aprendizagem Lúdica : anais, 18 e 19 de
novembro de 2016 [recurso eletrônico] / organização Antônio Villar
Marques de Sá, Cleia Alves Nogueira, Bárbara Ghesti de Jesus. -
Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2017.

Documento em PDF.
ISBN 978-85-5983-002-6 (E-book).
Inclui bibliografia.

1. Aprendizagem. 2. Jogos educativos. 3. Brincadeiras -
Educação. I. Sá, Antônio Villar Marques de (org.). II. Nogueira,
Cleia Alves (org.). III. Jesus, Bárbara Ghesti de (org.). IV. Título.
V. Título: Anais do II Encontro de Aprendizagem Lúdica.

CDU 371.382

Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)
Faculdade de Educação - Campus Darcy Ribeiro
Universidade de Brasília
70910-900 - Brasília -DF - Brasil

6 A LITERATURA INFANTIL E O JUÍZO MORAL

- Ana Carolina Sousa de Carvalho, UnB/Curso de Pedagogia (annacscarvalho@gmail.com)
- Virgínia Honorato Buffman Borges, UnB/PPGE/Mestrado em Educação (virginiahbuffman@gmail.com)
- Maira Vieira Amorim Franco, UnB/PPGE/Mestranda em Educação (maira.vaf@gmail.com)
- Otília Maria A. N. A. Dantas, UnB/FE/ Professora (otiliadantas@unb.br)

44

1 RESUMO

A literatura infantil sempre foi parte do cotidiano escolar de toda criança, principalmente daquelas que estão cursando a Educação Infantil. Assim, verificamos que a literatura infantil é um elemento importante para o processo de formação da criança. Partindo deste pressuposto, este trabalho visa analisar a relação entre a literatura infantil e o juízo moral da criança, por considerar que a literatura infantil, atrelada ao aspecto pedagógico, pode trazer benefícios para o desenvolvimento moral dos alunos da Educação Infantil. Para a realização deste trabalho, optou-se pela pesquisa bibliográfica com base no estudo dos seguintes autores: Cadermatori (2010); Faria (2012); Mallmann (2011); Zilberman, (2003); dentre outros. Os resultados apontam que o ato de ouvir histórias possibilita às crianças a construção da linguagem bem como a sua formação moral, tendo em vista que, por meio da literatura, é possível trabalhar ludicamente vários sentimentos mesclando realidade e fantasia.

Palavras-chave: Literatura infantil. Ludicidade. Moral.

2 INTRODUÇÃO

A literatura possibilita ao homem experimentar diversas emoções e sensações, além de uma diversidade de conhecimentos históricos, sociais, existenciais e éticos (FARIA, 2012). Na Educação Infantil a Literatura Infantil mobiliza a criança para vivenciar situações especiais que contribuem para o seu crescimento e seu desenvolvimento social e moral.

A Literatura Infantil, na Educação Básica, em especial na Educação Infantil, deve ser implementada para fins educativos. Para além da fruição, a Literatura Infantil, neste nível de ensino, torna-se um importante recurso pedagógico para ser desenvolvido em sala de aula, tanto por proporcionar uma maior experiência e intimidade com o mundo da leitura, como para desenvolver a criatividade, a imaginação e o desenvolvimento integral dos alunos.

Trata-se de uma pesquisa iniciada há algum tempo por ocasião da disciplina Projeto 3 ministrado pela professora Otília Dantas. De modo geral, pretendemos responder às seguintes questões: como os professores trabalham a literatura infantil em sala de aula? Como são tratadas as questões morais em sala de aula? A Literatura Infantil é utilizada em

sala de aula como mediadora para a formação moral das crianças?

Neste trabalho, que ora apresentamos, pretendemos refletir sobre a importância da Literatura Infantil para o juízo moral da criança. Trata-se de um estudo inicial, tendo em vista que abordaremos o seu estado da arte, ou seja, o caminho teórico até agora delimitado. Creemos que a literatura infantil, tangenciada ao aspecto pedagógico, contribui, significativamente, para o desenvolvimento moral das crianças, especialmente da Educação Infantil.

Destarte, o caminho metodológico, de natureza qualitativa, foi arquitetado tomando a pesquisa bibliográfica como ferramenta objetiva de concretização do objetivo traçado. Adiante, continuaremos os estudos mergulhando na realidade da escola para compreendermos como os professores utilizam as histórias infantis visando o despertar da moral dentro do ambiente de sala de aula. Por ora, nos limitaremos ao estado da arte.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A *Literatura Infantil* é um importante recurso para o processo de desenvolvimento e de formação da criança, mas, devido ao uso exacerbado das tecnologias do mundo pós-moderno, tem sido gradativamente negligenciada, seja pela família ou pela escola. Contudo, não há nenhum recurso capaz de substituir os textos literários, pois carregam consigo certa magia que vem encantando as gerações. Cabe aos pais e aos professores, o esforço de manter viva essa magia.

O mundo da Literatura Infantil é mágico para a criança por despertar várias emoções, vários sentimentos e sentidos, várias interpretações e compreensões de si e do mundo. Diante de tais reações, a criança acaba por se envolver ludicamente com a literatura, como destacou Faria (2012), construindo conhecimentos históricos, sociais, existenciais e éticos.

Todavia, nem sempre as crianças tiveram o privilégio de se deleitarem com os contos infantis. Até a Idade Média, eram consideradas adultos em miniaturas. Nesse período, as crianças e os adultos compartilhavam das mesmas experiências. Até meados do século XVII, não havia preocupação com estudos acerca da infância e do comportamento infantil. Também não havia o conceito de criança como hoje conhecemos, “[...] um ser que tem necessidades, interesses, motivos e modos de pensar específicos” (FONTANA, 2012, p. 6). A infância era limitada a um curto período de tempo em que, para sobreviver, era preciso cuidados físicos e, assim que ultrapassava essa fase de dependência, se tornava adulto e passava a conviver nos mesmos lugares e a praticar as mesmas atividades que os adultos. (ARIES, 1981).

Com os avanços dos estudos, começou-se a considerar a criança como não preparada para a vida, cabendo aos pais a responsabilidade de sua formação. A educação da criança foi considerada responsabilidade exclusiva das famílias, culturalmente compostas pela convivência de várias gerações, como bisavós, avós, pais e filhos, em um mesmo espaço, permitindo o cuidado por todos.

No começo do século XVIII, com Rousseau, foram iniciados, efetivamente, os estudos acerca do comportamento infantil que se prolongando até os dias atuais, pois, até meados do século XX, não havia instituições (creches e escolas infantis) para compartilhar essa responsabilidade.

Com o advento do terceiro milênio, muda-se a mentalidade da sociedade e altera-se a economia e a política. Destarte, com a nova formação das famílias, o protagonismo da mulher, como trabalhadora, além do novo conjunto de ideias sobre a infância, acabaram se constituindo por meio de razões indispensáveis para o fortalecimento das escolas infantis.

Pouco a pouco, com a ascensão da família burguesa, começou um processo de valorização da infância, que conscientizou os

adultos de que os menores são sujeitos que merecem cuidados especiais para que possam crescer em condições favoráveis para o seu desenvolvimento pleno e sadio. A partir dessa preocupação e com a organização da escola burguesa, nasce a literatura infantil como instrumento facilitador do processo de ensino e de aprendizagem.

No mundo ocidental, os primeiros livros literários surgiram com a finalidade de atingir o mercado comercial e o público infantil da classe aristocrática francesa do século XVII/XVIII. Eram obras de fundo satírico, concebidas por intelectuais que lutavam contra a opressão para estigmatizar e condenar usos, costumes e personagens que oprimiam o povo. Os autores, para não serem atingidos pela força do despotismo, usavam da criatividade da literatura infantil para esconder suas intenções sobre o manto do fantasioso (CADEMARTORI, 2010). Os contos costumavam levar, por trás da história, críticas sobre a forma de governo vigente da época.

Porém, foi, na Inglaterra, que ocorreu a difusão e o crescimento da Literatura Infantil devido ao processo de industrialização e dos novos recursos tecnológicos que facilitavam a produção desses livros. Alguns escritores marcaram essa categoria, tais como: Perrault (Mãe Gansa, Barba Azul, Cinderela, O Gato de Botas, dentre outros); Andersen (O Patinho Feio) e os irmãos Grimm (2015); precisamente entre os anos de 1628 e 1703. No Brasil do século XX, “O Patinho Feio” de Andersen, bem como a obra de Monteiro Lobato (2004) “Narizinho Arrebitado”, se destacaram como a Literatura Infantil mais valorizada, cativando, até hoje, as crianças e, assim, despertam o gosto e o prazer de ler, como destacou Cademartori (2010).

No Brasil, segundo Zilberman e Lajolo (1986), os livros infantis datam seu surgimento em 1808 com a instalação da Imprensa Régia, mas, de fato, somente no final do século XIX, que começa um tímido movimento de circulação desses livros, ainda que muito precário em nosso território, sendo

que a literatura, endereçada aos menores brasileiros, se tornou mais expressiva em meados da Proclamação da República; já que, neste período, o país passava por expressivas transformações sociais e econômicas, tais como: o fim da escravidão, o crescimento da população urbana e a entrada de imigrantes em solo nacional, o que, de uma certa forma, impulsionou o consumo de livros.

Sua introdução, nas escolas, ocorreu como recurso didático auxiliar da alfabetização e do letramento para que as crianças pudessem identificar as letras e suas funções, compreender a natureza alfabética do sistema de escrita, visando desenvolver outras habilidades. Na sala de aula, o uso da literatura infantil facilita muito os processos de ensino e de aprendizagem, pois conduz o leitor à construção do pensamento crítico, aprimorando a capacidade de pensar, de questionar e de enxergar novas alternativas para superação dos problemas. Do ponto de vista pedagógico, a literatura infantil exerce um papel fundamental na vida da criança, possibilitando viagens fantásticas, permitindo as mais diversas interpretações e significações do mundo, bem como o desenvolvimento do pensamento crítico, imaginativo, reflexivo e da fruição. Segundo Cademartori (2010), a literatura tornou-se inseparável da Educação, pois é, também, a partir dela, que a criança desenvolve aspectos relacionados à moralidade, aspecto esse que abordaremos a seguir.

Todavia, o primeiro contato das crianças, com a literatura infantil, ocorre por meio das histórias contadas pelos familiares. É neste momento que se instala, na criança, uma relação agradável, prazerosa e íntima com a leitura. À medida que mantém contato com a história, ela se identifica com o personagem e consegue encontrar respostas esclarecedoras sobre seus questionamentos e motivação para superar suas dificuldades. Para Silva (2011), esse contato coloca o leitor na situação de confronto com diferentes horizontes de significados. Um bom exemplo são as obras de Monteiro Lobato como o Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Segundo Cademartori (2010), Lobato assumiu uma postura para estabelecer uma relação entre a literatura e as questões sociais, além de quebrar com os padrões estrangeiros trazidos para dentro do gênero da Literatura Infantil. A obra de Lobato estimula os leitores a perceberem a realidade por meio das interpretações que envolvem os conceitos que já estão construídos nos aspectos subjetivos das pessoas. Os personagens de Lobato se impõem nas histórias por meio dos seus conhecimentos, desconstruindo a moral tradicional e passando a abordar a inteligência como aspectos a serem destacados em seus personagens. É importante reiterar que, nas histórias desse autor, existe uma moral que não é absoluta, ou seja, a moral se configura conforme a situação apresentada, deixando seus personagens seguirem por meio da liberdade.

Sobre a *moral*, encontramos em Kant (2013) que, quando agimos moralmente, as nossas ações são guiadas pela razão. As regras morais que tomam a forma de imperativos categóricos descrevem o que temos de fazer, queiramos ou não o fazer. Ou seja, as regras morais têm uma autoridade bastante diferente das nossas inclinações. Logo, Kant (2013) pensava que, quando agimos moralmente, somos guiados pela razão e não pela inclinação. Neste caso, a razão tem mais do que um papel puramente instrumental. As leis morais dizem como as pessoas devem comportar-se, não dizem o que as pessoas de fato farão. Em outras palavras, as leis morais são normativas. Para descobrir o valor moral de uma ação, temos de ver por que razão o agente a realiza, o que as consequências não revelam. O valor moral depende, portanto, dos motivos e os motivos são dados pela máxima que o agente aplica ao decidir o que fazer. Como se percebe, Monteiro Lobato parece tomar, como princípio, a tese de Kant sobre a moral, demonstrando que é perfeitamente possível desenvolver o juízo moral nas crianças pela Literatura Infantil.

Segundo Malmann (2011), a utilização da leitura em sala de aula, faz com que as crianças se sintam parte do que está sendo

contado mergulhando no universo imaginário que cercam as histórias infantis. Cabe ao professor, saber utilizar a literatura infantil pedagogicamente e levando em consideração os aspectos presentes durante o planejamento das aulas. Faria (2012) ressaltou, ainda, que é necessário o professor ser o mediador da leitura, pois é quem dará vida à história por meio das diferentes vozes e timbres, além de ser o responsável por tornar a história animadora e prazerosa e a ludicidade cumpre esse papel.

Ludicidade, que significa brincar, tem destaque nos estudos de Piaget (2010) e Vigotski (2007). Para o primeiro, o desenvolvimento da criança ocorre por meio do lúdico, encontrado em várias manifestações como na dança, no teatro, nas brincadeiras, na construção de materiais concretos e nas histórias orais ou na Literatura. Para o segundo, é na interação com as atividades que envolvem simbologia e brinquedos, que o educando aprende a agir cognitivamente. Ela consegue dar saltos de aprendizagem, tanto pela vivência de uma situação imaginária, quanto pela capacidade de subordinação às regras.

Nesses termos, a ludicidade oferece condições para o aprendiz vivenciar situações-problemas, experimentar o raciocínio lógico, realizar atividades físicas e mentais que favorecem a sociabilidade e estimulam suas capacidades afetivas, sociais, morais, cognitivas, culturais e linguísticas. Para Friedmann (1996), a função educativa do lúdico oportuniza a aprendizagem do indivíduo, seu saber e sua compreensão de mundo, desenvolvendo ações de cooperação e de interação, que estimulam a convivência em grupo.

Pela ludicidade, a criança torna-se livre para criar o seu mundo simbólico e é estimulada à fantasia, à imaginação. Para Vigotski (2007), a ludicidade oportuniza à criança um eu fictício, proporcionando alegria e entretenimento no momento da aprendizagem. O trabalho docente, com o lúdico, cabe em todas as fases de aprendizagem, pois oportuniza aos alunos o desenvolvimento de habilidades cognitivas

e motoras e, para o professor, a observação do desenvolvimento de seu aluno, deixando-o livre para criar e imaginar diversas situações como: de caráter afetivo, de raciocínio lógico, de atenção, de criatividade, de concentração e, em especial, de moral.

Trabalhar, com a literatura em sala de aula, problematizando situações do cotidiano, permitirá que as crianças elaborem seus conceitos e suas conclusões a partir de sua própria reflexão. Pelo diálogo, a criança aprende a ouvir, a refletir e a respeitar ao outro, por isso é fundamental que, após a leitura dos contos, o professor possa proporcionar um debate sobre os valores morais apresentados na história, confrontando esse com a realidade, a fim de contribuir para o processo de desenvolvimento infantil. Desta forma, “O texto literário configura-se como um importante instrumento para a Educação Moral à medida que sensibiliza a criança para os dilemas morais vividos pelos personagens e suscita, num ambiente escolar democrático, a reflexão sobre os valores e os sentimentos inerentes às suas condutas” (RAMOS; CAMPOS; FREITAS, 2012, p. 149).

Por meio dos contos literários e pelas situações vivenciadas pelos personagens, as crianças encontram um contexto parecido com o seu dia a dia, que, de uma maneira bem simples, demonstram estar repletas de valores que permeiam sua vivência, oportunizando reflexões sobre aquilo que se considera certo ou errado. A moralidade é fruto da interação, na qual os conflitos são vistos como possibilidade de mudanças.

Contudo, Vinha (2006) afirmou que o desenvolvimento dos valores morais, nas crianças, é um processo lento e complexo que vai sendo construído aos poucos pela interação das crianças com o social, por meio de múltiplas experiências diárias. Eis a importância de o professor desenvolver um bom trabalho pedagógico envolvendo a literatura infantil com situações corriqueiras do cotidiano escolar, porque a simples leitura de um conto, sem a possibilidade de reflexão

e interação social, não traz benefícios para o desenvolvimento da moral infantil.

Trabalhar a moral infantil, por meio da literatura, requer um professor articulador e mediador do processo de ensino e de aprendizagem comprometido com o desenvolvimento integral de seus alunos. É bom salientar, também, que trabalhar a moral não se resume ao simples repasse do bem ou do mal, do verdadeiro ou do falso, trabalhar a moralidade é dar possibilidades ao aluno de se tornar um sujeito autônomo e capaz de criar seu próprio juízo de valor em relação aos dilemas da sociedade moderna. Para Piaget (1994), o ser humano não nasce com suas estruturas cognitivas prontas ou acabadas. Para alcançar um pleno desenvolvimento, o sujeito passa por um estágio contínuo e sequencial de fases que trará, como consequência, um conjunto de estruturas cognitivas que determinará todos os novos comportamentos específicos para a etapa seguinte. Trata-se de um processo de construção resultante das trocas de experiências entre o indivíduo e o meio social.

Na visão de Piaget (1994), para desenvolver a moralidade, o ser humano vivencia três fases: a anomia – quando a criança (0 a 6 anos) sente dificuldade em seguir regras, gostam de atividades lúdicas que envolvam o trabalho motor - ; a heteronomia – quando a criança (6 a 10 anos) sente prazer em participar de atividades coletivas com regras explícitas - para elas, o cumprimento de regras é algo sério e imutável; e a autonomia – quando o jovem (após 13 anos) consegue legitimar as regras através de acordos mútuos.

Com base no conhecimento das etapas do desenvolvimento moral da criança, o professor compreenderá as necessidades de seus alunos em diferentes situações e faixas etárias, tendo a possibilidade de investir na superação das fases da moralidade a fim de que o sujeito encontre sua própria autonomia moral e intelectual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A moral não é, portanto, passível de ensinamentos, mas pode ser aprendida. Ela é um processo de múltiplas reflexões sobre o prisma de situações conflituosas, nas quais regras, valores e princípios são, constantemente, questionados. Assim, o trabalho lúdico, com a literatura infantil na pré-escola, proporciona ao aluno um despertar para novas possibilidades de conduta.

Contudo, para que este processo ocorra, não basta o simples ato de uma leitura descomprometida com objetivos educacionais. O professor, ao elaborar suas aulas, deve planejar o tempo e o espaço que irá dedicar à literatura infantil, conhecendo previamente a obra escolhida que deverá ser apresentada aos seus alunos, vinculando o prazer da leitura aos seus objetivos a serem atingidos por meio deste recurso, por meio do diálogo entre seus alunos e oportunizando trocas de informações e de reflexões sobre normas de conduta.

5 REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1981.

CADERMATORI, Ligia. *O que é literatura infantil*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. Coleção Primeiros Passos, 163.

FARIA, Maria Alice. *Como usar a literatura infantil na sala de aula*. 5. ed. 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2012. Coleção Como Usar na Sala de Aula.

FRIEDMANN, Adriana. *Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil*. São Paulo: Moderna, 1996.

IRMÃOS GRIMM. *Quem foram os Irmãos Grimm: contos infantis*. Disponível em: <<http://www.bigmae.com/quem-foram-os-irmaos-grimm-contos-infantis/>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

KANT, Immanuel. *Crítica à razão pura*. 8. ed. Trad.: Alexandre Fradique Morujao. Lisboa: Calouste Gubenkian, 2013.

MALLMANN, Michelle de Carvalho. *A literatura infantil no processo educacional: despertando os valores morais*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PIAGET, Jean. *O juízo moral na criança*. Trad.: Elzon L. 2. ed. São Paulo: Summus, 1994.

_____. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

RAMOS, Adriana de Melo; CAMPOS, Soraia Souza; FREITAS, Lisandra Cristina Gonçalves. Uma análise sobre estudos que relacionam a Literatura infantil e a oralidade na perspectiva construtivista piagetiana. *Nuances: Estudos sobre Educação*. Ano XVIII, v. 23, n. 24, p. 142-161, set./dez. 2012.

VIGOTSKI, Liev Semionovich *A formação social da mente*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual e ampl. São Paulo: Global, 2003.

_____; LAJOLO, Marisa. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias, autores e textos*. 2. ed. São Paulo: Global, 1986